



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

A EXPERIÊNCIA JUDAICA NO BERÇO DO SOCIALISMO: o olhar de
Vassili grossman através da obra *vida e destino*

Joel da Silva Franco

Rio de Janeiro

2025

JOEL DA SILVA FRANCO

A EXPERIÊNCIA JUDAICA NO BERÇO DO SOCIALISMO: o olhar de
Vassili grossman através da obra *vida e destino*

Número de volumes

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Federal do
Rio de Janeiro, como requisitos parcial à
obtenção do título de licenciado.

Orientador: prof. doutora Karla Louise de Almeida Petel.

Rio de Janeiro
2025

FOLHA DE AVALIAÇÃO

JOEL DA SILVA FRANCO

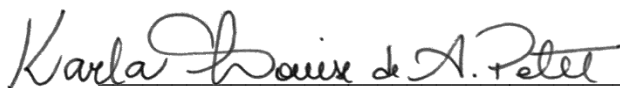
DRE: 118043827

A EXPERIÊNCIA JUDAICA NO BERÇO DO SOCIALISMO:
o olhar de Vassili Grossman através da obra *Vida e destino*

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em Letras na habilitação
Português-Hebraico.

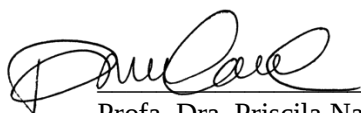
Data de avaliação: 22 / 07 / 2025

Banca Examinadora:



NOTA: 7,0 (sete)

Profa. Dra. Karla Louise de Almeida Petel (UFRJ) – Presidente da Banca Examinadora

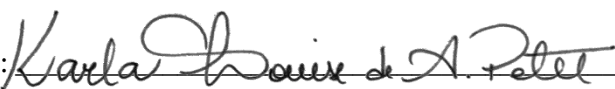
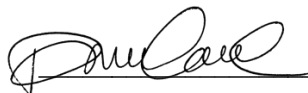


NOTA: 7,0 (sete)

Profa. Dra. Priscila Nascimento Marques (UFRJ) – Leitora Crítica

MÉDIA: _____

Assinaturas dos avaliadores:

AGRADECIMENTOS

Gostaria, primeiramente, de dedicar este trabalho aos meus pais, que fritaram hambúrgueres a vida inteira para que eu pudesse estar aqui hoje, sendo o primeiro da família a frequentar uma universidade federal; Em segundo lugar, dedico este trabalho a minha orientadora, Karla Petel, pela paciência, disposição e carinho para me ajudar nesse tema tão complexo; em terceiro lugar, aos companheiros do curso de hebraico, em especial a Beatriz e Flávia, que estiveram comigo nos piores e melhores momentos dessa graduação e que sem elas, a jornada seria muito mais árdua; em quarto lugar, aos amigos e colegas que fiz na UFRJ, que preencheram o vazio dos momentos vagos entre as aulas; em quinto lugar, a 4 amigos: Ana, Asap, João e Júlia, que puderam dar mais sentido a minha vida; em sexto lugar, a minha psicóloga, Vitória, que vem me ajudado há quase 2 anos e que sem ela eu já teria me matado, muito provavelmente; gostaria, por fim, de dedicar este trabalho às pessoas que não estão mais na minha vida, mas que marcaram profundamente a minha trajetória na graduação.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	
2. CAP.1: CONTEXTO HISTÓRICO DO JUDAISMO NA URSS.....	
2.1 A SITUAÇÃO JUDAICA NA RÚSSIA CZARISTA: DO DECLÍNIO ATÉ A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO.....	
2.2 LEIS E LEGISLAÇÕES RELIGIOSAS PÓS REVOLUÇÃO.....	
2.3 O JUDAÍSMO NA UNIÃO SOVIÉTICA PRÉ SEGUNDA GUERRA (1922-1941)	
2.4 A CONDIÇÃO JUDAICA NA U.R.S.S. PÓS SEGUNDA GUERRA (1945-1953)	
3. CAP.2: JUDAISMO E ANTISSEMITISMO EM “VIDA E DESTINO”	
3.1 “NESSA MESMA MANHÃ LEMBRARAM-ME DO QUE HAVIA ESQUECIDO NOS ANOS DE PODER SOVIÉTICO: QUE EU ERA JUDIA”	
3.2 VIDA X DESTINO: A CONSTRUÇÃO DA EXISTÊNCIA JUDAICA NA OBRA DE VASSILI GROSSMAN.....	
3.3 O ANTISSEMITISMO NA UNIÃO SOVIÉTICA NA PERSPECTIVA DE “VIDA E DESTINO”	
3.4 O SOCIALISMO SOVIÉTICO E ANTISSEMITISMO NA OBRA DE GROSSMAN: CORRELAÇÃO E CAUSALIDADE?	
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	

INTRODUÇÃO AO TRABALHO

O intuito desse trabalho é trazer uma nova perspectiva da história e da literatura em relação ao livro *Vida e Destino*, do escritor ucraniano-soviético Vassili Grossman. Essa nova proposta busca olhar para os acontecimentos históricos, políticos, ideológicos e sociais abordados nessa obra com uma visão crítica em relação a determinados fatos abordados e pensamentos consolidados pelo autor e pela crítica literária.

Um dos pontos centrais do texto de Grossman e no qual vamos focalizar é a construção de uma similaridade entre as duas ideologias políticas que se antagonizam durante toda a obra: o regime fascista da Alemanha nazista e o regime comunista da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Durante toda a composição, o clima que perpassa a narrativa é do embate direto entre essas duas ideias.

Para além desse tópico, também iremos abordar a temática mais importante do livro de Grossman, que se trata da existência judaica e sua constante luta pela sobrevivência e existência enquanto ser humano, político, étnico e religioso, buscando se redefinir e dar significado a própria vida enquanto judeu. Ambos os tópicos acima serão os temas centrais a serem abordados em nosso trabalho.

A proposta principal que buscamos trazer é a redefinição de determinados conceitos pré-estabelecidos pela crítica literária e histórica ocidental. Essas concepções constantemente acusam a experiência socialista da União soviética de promover práticas e propagandas de cunho antissemita contra a sua própria população judaica, através de políticas e leis estatais.

Tais acusações visam difamar e depreciar o legado histórico, político, social, humanitário e civilizatório da U.R.S.S, buscando fazer um revisionismo histórico dos acontecimentos, promovendo ideias que criem uma imagem negativa do estado bolchevique. De forma oportunista, críticos literários assumem uma posição anticomunista e constroem sua crítica em cima de obras soviéticas, transformando-as em material “antissoviético” como propaganda.

É a partir dessas premissas que iremos constituir a proposta de nosso trabalho, desconstruindo essas definições e propondo uma visão realista e honesta dos fatos apresentados e das histórias narradas por Grossman, na tentativa de reconstruir o passado da forma mais condizente possível com a realidade. Levando em consideração pontos positivos e negativos do período soviético, utilizaremos dados e informações históricas para embasar nosso ponto de vista a respeito dos acontecimentos de *Vida e Destino*.

CAPÍTULO 1

O CONTEXTO HISTÓRICO DO JUDAÍSMO NA URSS

1.1 – A situação judaica na Rússia Czarista: do declínio até a Revolução de Outubro

A existência de comunidades judaicas nas regiões onde posteriormente seria constituído o Império Russo datam de 132 d. E. C, quando grupos de judeus provindos da região da palestina migraram para a região do Cáucaso. As primeiras comunidades judaicas se assentaram primeiramente em Kiev e na Lituânia, a partir do século VIII. No início do século XV, comunidades judaicas apareceram na região da Bielorrússia. Os primeiros registros escritos sobre a presença judaica são de 1474, em que a presença dessas comunidades é mencionada em cartas e documentos de autoridades moscovitas.

Havia grandes assentamentos judaicos na região do Volga, Don e Dnieper na época das invasões Tártaras, por volta do século XIII. Após as invasões Tártaras terem destruído o grande principado de Kiev, muitos judeus fugiram para a região da Polônia. Com a partição da Polônia no século XVIII, a Rússia Czarista obtém territórios tradicionalmente habitados por grupos etnicamente e religiosamente compostos por judeus.

Tanto a partir de medidas jurídicas quanto religiosas, as comunidades judaicas existentes no território que compunha o Império Russo eram submetidas a restrições, exclusões, discriminações e todo tipo de limitação no que diz respeito a questões políticas, sociais, econômicas e religiosas. O governo czarista institucionalizava políticas antipopulares, de desigualdade entre os diversos povos existentes nas regiões do império, onde aplicava um processo brutal de colonização e exploração da grande massa trabalhadora existente.

Em decorrência dessas políticas, diversas nacionalidades poderiam ser consideradas atrasadas econômica, política e culturalmente, tornando o processo de disparidade social um aparato de controle do governo do Czar. O analfabetismo era geral, a assistência médica era inexistente e a fome era endêmica. A população morria de fome e doenças gradativamente. O antissemitismo, característica marcante deste período, era fruto das políticas autocráticas do regime do Czar, que detinha os poderes políticos e religiosos do Império Russo.

Ao final do século XVIII, as comunidades judaicas lá existentes eram mantidas em determinadas províncias, em assentamentos restritos. De acordo com uma lei imposta

pela imperatriz Catarina II (1729-1796), os judeus poderiam residir apenas nas províncias de Minsk, Volyn, Podolia, Chernigov, Kiev, Mogilyov, Poltava, Vitebsk e Grodno. Concentrados em pequenas comunidades e cidades, as políticas de segregação forçaram o isolamento compulsório dessas comunidades, que se retiraram dos grandes centros urbanos para viverem em reclusão, em comunidades restritas.

Posteriormente, o imperador Alexandre I (1777-1825) institui novas leis que proibiam os judeus de habitarem vilas e trabalharem no campo, forçando-os a tornarem-se artesãos, comerciantes, alfaiates, sapateiros e todo tipo de trabalho de baixa remuneração, impedindo qualquer tipo de ascensão social e econômica por este grupo étnico.

O Regime Czarista utilizava da estrutura governamental para impedir qualquer benefício aos povos judeus do Império Russo. A comunidade judaica possuía uma cota de apenas dez por cento nas instituições de ensino fundamental e de três a cinco por cento em instituições de ensino superior.¹ Uma parcela irrisória dos judeus poderia se beneficiar de direitos básicos, como a educação.

O Governo Czarista construía um estigma social sobre a figura do judeu através da literatura, da construção de mitos sobre rituais judaicos, de “motivações científicas” para o antissemitismo e da propagação do ódio ao judeu em escolas e igrejas. Os judeus eram tratados como bodes expiatórios, feitos culpados por todas as calamidades e desgraças que aconteciam no império, para desviar as atenções do povo para os verdadeiros culpados da miséria da população.

Foi através dessas medidas segregacionistas impostas pelo governo czarista que os linchamentos e perseguições tornaram-se prática comum. Os pogroms, como assim eram chamados os ataques à grupos étnicos, tinham especial foco nas comunidades judaicas da região do Império Czarista. Dezenas de milhares de judeus eram atacados e mortos em suas vilas e assentamentos anualmente. Estima-se que de 1881 até 1914, dois milhões de judeus emigraram da Rússia – cerca de um terço da população judaica que vivia na região.

O procurador chefe do santo sínodo, Pobedonostsev, definia a política do governo em relação ao judeus da seguinte maneira: “Nós devemos perseguir uma política que forçará um terço dos judeus a abraçarem o cristianismo, livrar-se de um terço deles e

¹ Novosti Press agency publishing house, 1970

obrigar a última terça parte a emigrar”. (NOVOSTI, Press agency publishing house, 1970, p. 11)

Do ponto de vista religioso, a população judaica também sofria diversas represálias, banimentos e restrições no que diz respeito à prática e disseminação das suas tradições. Através do aparato estatal, o estado czarista restringia as liberdades religiosas de todos os indivíduos.

O cristianismo ortodoxo era a religião dominante, assim como a religião oficial do Estado. Outras crenças eram perseguidas ou apenas toleradas. Não havia liberdade para os indivíduos professarem suas religiões e a adesão a outros credos era impedida, sendo apenas permitida a conversão ao cristianismo ortodoxo. O ateísmo era considerado um dos piores crimes praticados contra o Estado Czarista, que mantinha com mãos de ferro o controle das liberdades individuais, principalmente no que diz respeito às práticas religiosas. A religião era, assim, um instrumento de controle e opressão do Estado.

Não havia separação ente estado e igreja, sendo o czar o líder da religião no país. Dessa maneira, a igreja ortodoxa detinha riquezas, vastas terras, tanto privadas quanto públicas, em seu nome. Logo, a igreja era parte integrante da elite política e econômica que reinava, utilizando de seus poderes para explorar as massas trabalhadoras através do emprego em suas terras.

Além disso, o clero religioso da igreja ortodoxa possuía poderes de polícia, dados pelo próprio regime czarista, para atuar como aparato de vigilância e opressão da classe trabalhadora. A igreja e a autocracia czarista formavam a classe burguesa do país, controlando a estrutura política, econômica e religiosa de todo o império russo e direcionando os rumos da nação a satisfazerem seus interesses pessoais.

O autoritarismo, as perseguições e os massacres proporcionados e incentivados pelo governo czarista na Rússia construiriam, posteriormente, as próprias condições para o fim do regime. Em 1897, grupos judaicos da Lituânia, Polônia e Rússia começaram a se organizar politicamente para combater todos os tipos de opressão vivenciados pelas comunidades judaicas. Assim, o movimento trabalhista judaico (Bund) é formado, sendo a maior organização política de sua época a defender os direitos da população judaica na Rússia.

Inicialmente, o Bund tinha como demandas a igualdade de direitos civis para os trabalhadores judeus, o fim das discriminações e das leis anti-judaicas. Ao longo do tempo, o partido passa a ganhar mais expressividade, chegando a trinta mil membros ativos em 1903 e quarenta mil em 1906. A partir deste crescimento, a organização acaba

assumindo pautas de maior relevância como o reconhecimento dos direitos nacionais judaicos e da autonomia nacional-cultural para judeus dentro de um estado multinacional.

Em 1898, o Bund assume uma posição de destaque na organização e lançamento do primeiro congresso que funda o Partido Operário Social-Democrata Russo (POS DR), que tem como um dos fundadores Vladimir Lênin. O POS DR se tornaria o principal partido que encabeçaria as pautas, organizações e mobilizações na luta pelos direitos dos trabalhadores, ao qual o movimento trabalhista judaico, por convergência de interesses e estratégias políticas, adere.

Em 1903, por discordâncias teóricas na forma como a causa judaica deveria ser tratada, o movimento Bund é formalmente expulso do partido, mas as relações ainda eram amistosas e determinadas pautas ainda eram defendidas por ambos os grupos. Na revolução de 1905, que seria chamada posteriormente por Lênin como “o ensaio geral para a revolução de outubro”, o Bund assume papel de liderança em apoio às greves ocasionadas pela insatisfação do povo. Em 1906, por razões estratégicas, o Bund é novamente integrado ao partido, mesmo o POS DR tendo rejeitado, em partes, as suas propostas da cultura nacional judaica, que dizem respeito ao reconhecimento do judaísmo como nacionalidade e com direito a um estado nacional

Em 1917, com a realização da revolução e a tomada do poder pelos soviets, um racha no partido ocorre, dividindo-se entre os mencheviques e bolcheviques. Os judeus membros do Bund, que anteriormente eram parte integrante e ativa na construção dos conselhos de trabalhadores e soldados (os soviets), assumem a posição de apoio aos mencheviques. Seguindo os rumos da revolução, a maior parte dos membros do BUND adere ao partido comunista que se formou após a revolução, com a presença de uma minoria que se opunha às ordens de Lênin, considerando-as antidemocráticas e antipáticas aos direitos nacionais judaicos. Em 1921, o BUND é formalmente dissolvido pelos bolcheviques, fazendo com que os dissidentes restantes sejam forçados a fugirem do país ou serem presos.

1.2 – Leis e legislações religiosas pós-revolução

Após a revolução de outubro de 1917 e a tomada do poder político do Estado Russo, os revolucionários começaram a instituir novas leis e decretos, assim como o fim de diversos códigos, restrições e promulgações do recém derrubado regime czarista. Essas tomadas de ação imediatas tinham a intenção de estabelecer concretamente o novo regime socialista, além de estabilizar e manter a ordem social no país, que por conta da sua participação na primeira guerra mundial e dos fluxos e refluxos do processo revolucionário, enfrentava uma grande instabilidade social, política e econômica.

Em 16 de novembro de 1917, logo após a vitoriosa Revolução de Outubro, é proclamado o poder do Estado Soviético e a declaração dos povos da Rússia, assinada por Vladimir Lênin. A declaração estabelecia liberdade genuína para todos os povos que habitavam as regiões do antigo Império Russo, sendo guiada por quatro princípios básicos: o primeiro princípio estipula que todos os povos da Rússia terão igualdade e soberania; o segundo princípio declara o direito à livre autodeterminação dos povos da Rússia, incluindo secessão e estado independente; o terceiro princípio institui a abolição de todos os privilégios e restrições nacionais de todas as religiões; por fim, o quarto princípio habilita o livre desenvolvimento social das minorias nacionais e grupos étnicos que habitam a Rússia.

A declaração dos direitos dos povos da Rússia foi um dos primeiros passos dados pelo recém formado governo soviético para garantir a integridade nacional e assumir o seu compromisso com a classe trabalhadora, através da justiça social e da emancipação política. Somados aos decretos sobre a paz, sobre a terra e sobre a nacionalização, garantiu a confiança e o respeito do povo russo pela defesa de seus direitos, dando credibilidade à fração bolchevique para se defender das forças contrarrevolucionárias. A fração menchevique, as potências imperialistas estrangeiras, os latifundiários, os capitalistas, os generais e a oficialidade russa que se opuseram à revolução, se organizariam para incitar uma guerra civil no país, na tentativa de derrubar o governo soviético, extinguir a revolução e restituir um regime capitalista na Rússia.

O nascimento da revolução é um processo custoso e difícil para o governo bolchevique que assumiria o poder. A perda material e em vidas causada pela primeira guerra mundial, o tratado de paz de Brest-Litovski assinado com a Alemanha em 1918 fez com que o estado soviético, em busca de se retirar da guerra e reestabelecer a ordem no país, tivesse que ceder vastas extensões de terra e abrir mão de diversas regiões

importantes para a economia e segurança do estado soviético. Isso permitiu que as potências imperialistas estrangeiras fossem capazes de cercar e pressionar a revolução com maior facilidade, e assim o fizeram.

Apesar das perdas econômicas, territoriais e humanas causadas pela primeira guerra, sendo seguida posteriormente por uma guerra civil deflagrada pelas forças contrarrevolucionárias e a consequente invasão do país por diversas potências estrangeiras (principalmente França, Império Britânico, Estados Unidos e Japão), as lideranças do partido bolchevique organizavam e utilizavam o recém-criado Estado Soviético para lidar com questões de caráter social, cultural, étnico, nacional e religioso.

Durante a revolução de outubro de 1917 e principalmente nos períodos em que ocorre a guerra civil russa, os bolcheviques encaram eclosões em massa de *pogroms*² anti-judaicos por todo o território, principalmente nas regiões das fronteiras ocidentais. Os ataques em massa aos judeus eram perpetrados principalmente por forças hostis à revolução, mas também foram causados, em algumas ocasiões, por frações bolcheviques. Tais acontecimentos mostram não só as dificuldades iniciais enfrentadas pelos revolucionários para estabilizar o caos social, mas principalmente escancaram o intenso antissemitismo enraizado na sociedade Russa, causado pelos séculos de repressão, perseguição e institucionalização do ódio ao judaísmo pelo regime czarista deposto.

De acordo com McGeever (2019) em seu livro, ele relata que:

Começando nas primeiras semanas de 1918, os pogroms continuaram ao longo dos anos da guerra civil, chegando a um devastador pico em 1919, prolongando-se até 1920. Este foi o mais violento ataque à vida judaica na história moderna pré-holocausto: estimativas conservadoras indicam o número de fatalidades entre aproximadamente 50 e 60 mil, mas o quadro mais realista chega a 100 mil ou mais. Naquele momento, oficiais soviéticos especularam que mais de 200 mil haviam perecido. O que é certo é que pelo menos 2 mil pogroms aconteceram durante o período revolucionário. Em meio a carnificina, centenas de milhares de judeus fugiram para o oeste, mais de meio milhão foram deslocados e muitos mais foram deixados feridos e abandonados. A revolução russa, o momento de libertação e

² O termo “Pogrom” é uma palavra de origem russa que significa “destruição maciça”, destruir violentamente”. O termo historicamente diz respeito aos violentos ataques da população não judia contra os judeus na área do império Russo.

emancipação, foi para muitos judeus acompanhada por uma violência racial em uma escala sem precedentes. (MCGEEVER, 2019, p.2).

Os bolcheviques, apesar de todas as adversidades enfrentadas até o momento, não deixaram de atuar na tentativa de proteger as minorias étnico-religiosas, principalmente a judaica. Desde meados de 1917-1918, os soviets das cidades começaram campanhas contra o antissemitismo, promovendo palestras e encontros sobre o tema nas regiões fabris. Além disso, formavam-se unidades militares em cidades com o intuito de impedir a formação de *pogroms*. Com a criação do exército revolucionário, as unidades tinham como uma de suas funções manter a ordem e impedir que novos ataques acontecessem.

Entre 1919 e 1921, discos de gramofone com discursos sobre a revolução de outubro eram gravados por Vladimir Lênin para serem transmitidos nas aldeias e cidades de toda a região do antigo Império Russo, a fim de que todas as pessoas pudessem ter acesso à propaganda bolchevique, haja visto o fato de que a maior parte da população era analfabeta e iletrada e não poderia ler os panfletos e cartazes que eram distribuídos.

Em um desses discursos, Lênin fala a respeito dos *pogroms* anti-judaicos, em que explicita:

Antissemitismo significa espalhar inimizade contra os judeus. Quando a maldita monarquia czarista vivia os seus últimos dias, tentou incitar trabalhadores e camponeses ignorantes contra os judeus. A polícia czarista, em aliança com os proprietários de terras e os capitalistas, organizou pogroms contra os judeus. Os proprietários de terras e capitalistas tentaram desviar o ódio dos trabalhadores e camponeses que foram torturados pela miséria contra os judeus. Também noutros países, vemos frequentemente os capitalistas fomentando o ódio contra os judeus, a fim de cegar os trabalhadores, para desviar a sua atenção do verdadeiro inimigo dos trabalhadores, o capital. O ódio aos Judeus persiste apenas nos países onde a escravatura aos proprietários de terras e aos capitalistas criou uma ignorância abismal entre os trabalhadores e camponeses. Somente as pessoas mais ignorantes e oprimidas podem acreditar nas mentiras e calúnias que se espalham sobre os judeus. Isto é uma sobrevivência dos antigos tempos feudais, quando os padres queimavam os hereges na fogueira, quando os camponeses viviam na escravatura e quando o povo era esmagado e inarticulado. Esta antiga ignorância feudal está desaparecendo; os olhos do povo estão sendo abertos. Não são os judeus os inimigos dos

trabalhadores. Os inimigos dos trabalhadores são os capitalistas de todos os países. Entre os judeus há trabalhadores, e eles constituem a maioria. São nossos irmãos que, como nós, são oprimidos pelo capital; eles são nossos camaradas na luta pelo socialismo. Entre os judeus existem kulaks, exploradores e capitalistas, tal como existem entre os russos e entre pessoas de todas as nações. Os capitalistas esforçam-se por semear e fomentar o ódio entre trabalhadores de diferentes religiões, diferentes nações e diferentes raças. Aqueles que não trabalham são mantidos no poder pelo poder e pela força do capital. Os judeus ricos, tal como os russos ricos, e os ricos de todos os países, estão aliados para oprimir, esmagar, roubar e desunir os trabalhadores. Vergonha para o maldito czarismo que torturou e perseguiu os judeus. Que vergonha para aqueles que fomentam o ódio contra os judeus, que fomentam o ódio contra outras nações. Viva a confiança fraterna e a aliança combativa dos trabalhadores de todas as nações na luta para derrubar o capital.³

No campo burocrático e legislativo, o novo regime comandado pelos bolcheviques começava, desde os primeiros anos da tomada do poder, a destruir as antigas estruturas autocráticas que permitiam com que a Igreja Ortodoxa Russa ditasse as pautas e os costumes religiosos da nação. Em 23 de janeiro de 1918, o Governo Soviético formula um decreto que separa a Igreja do Estado e a Igreja da educação.

O documento produzido possui as seguintes declarações a serem seguidas:⁴

- 1- A igreja é separada do estado;
- 2- É proibido emitir no território da república qualquer lei local ou ordenança que impeça ou restrinja a liberdade de consciência ou estabeleça qualquer vantagens ou privilégios com base nas crenças religiosas dos cidadãos;
- 3- Cada cidadão pode professar qualquer religião ou nenhuma. Todas as restrições dos direitos dos cidadãos por causa de sua crença em qualquer religião ou não aderência à nenhuma fé devem ser abolidas. Toda referência à religião ou não religião dos cidadãos deve ser retiradas dos documentos oficiais;

³ VI Lenin Internet Archive (www.marx.org) 2002; trad. David Walters & Robert Cymbala

⁴ SPASOV, G. Freedom of religion in the U.S.S.R. ED London: Soviet News, 1951.

- 4- Funções estatais e qualquer outra função pública ou social não devem possuir nenhum rito religioso ou cerimônia;
- 5- A liberdade para realizar ritos religiosos é garantida no limite de que não perturbe a ordem pública e não invada os direitos dos cidadãos da república soviética. Autoridades locais tem o direito de tomar todas as medidas necessárias para garantir a manutenção da ordem pública e da segurança;
- 6- Ninguém deve usar suas crenças religiosas como desculpa para esquivar-se de seus direitos civis;
- 7- Votos e juramentos religiosos estão abolidos. Apenas promessas solenes devem ser mantidas nos casos necessários.
- 8- Todas as funções de registros civis devem ser feitos exclusivamente pelas autoridades locais;
- 9- A escola é separada da igreja.

Essas medidas de caráter institucional visavam construir, através da própria estrutura do estado soviético, um aparato de defesa da classe trabalhadora contra as opressões étnicas e religiosas que existiam no seio da sociedade russa, fruto dos séculos de opressão do regime czarista e da igreja ortodoxa a esses grupos minoritários.

1.3 – O judaísmo na união soviética pré Segunda Guerra (1922-1941)

Após o fim da guerra civil e da vitória bolchevique sobre o exército branco⁵ e os intervencionistas europeus em 1921, o recém fundado Estado Soviético herdou dos últimos anos uma nação esfacelada pela fome e destruição causadas pela Primeira Guerra Mundial e pela guerra civil que se sucedeu. A situação política, social e econômica que já era frágil e conturbada nos anos anteriores à revolução de outubro de 1917, tornou-se ainda pior.

A década de 1920 para os soviéticos foi, em termos políticos e econômicos, um processo de reconstrução e solidificação do estado revolucionário por toda a nação. A principal função do governo bolchevique neste período foi o fortalecimento do Estado para evitar o colapso e a balcanização de todo o território nacional, reconstruindo a agricultura, a indústria e o transporte, que foram fortemente atingidos nos últimos anos.

Mesmo com todas as adversidades do período, o Governo Soviético não se ausentou de suas responsabilidades em relação à questão judaica. A partir da consolidação da constituição soviética e a declaração dos direitos dos povos, os judeus foram considerados povo autônomo, possuindo direitos a ter língua, cultura e território próprios. Politicamente, os judeus ganham representatividade no partido, ganhando uma seção judaica e a criação de um comissariado para tratar de assuntos que dizem respeito a questões de caráter judaico na nação, como a autonomia, religião e autonomia territorial.

O Comitê Executivo Central da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas cria, em meados de 1934, a região autônoma do Birobidjão, onde inicialmente um pequeno contingente de pessoas é mandado para ocupar. O território se situava no extremo oriente, no território de Khabarovsk, ocupando uma área de 35.800 quilômetros quadrados, sendo maior que a Bélgica. Inicialmente, possuindo algumas lojas de artesanato e pequenas fábricas, a região foi se desenvolvendo e propiciando que a produção agrícola florescesse e aumentasse a autonomia do Estado.

Após a ascensão de Stalin como liderança principal da união soviética, o novo secretário geral do partido comunista mostrou-se sempre favorável às questões de caráter

⁵ Exército formado no âmbito da guerra civil russa, em oposição ao exército vermelho, criado pelos bolcheviques. Formados pela fração menchevique do POSDR e apoiados por anticomunistas, social-democratas, monarquistas e soldados de países estrangeiros. Tinham a intenção de derrubar a revolução e restaurar o regime czarista.

judaico. Em 12 de janeiro de 1931, em entrevista para uma agência de notícias judaicas nos Estados Unidos, Stalin responde o seguinte:

O chauvinismo nacional e racial é um vestígio dos costumes misantrópicos característicos do período do canibalismo. O antissemitismo, como forma extrema de chauvinismo racial, é o vestígio mais perigoso do canibalismo. O antissemitismo é vantajoso para os exploradores como um para-raios que desvia os golpes dirigidos pelos trabalhadores ao capitalismo. O antissemitismo é perigoso para os trabalhadores por ser um caminho falso que os desvia do caminho certo e os atira na selva. Portanto, os comunistas, como internacionalistas consistentes, não podem deixar de ser irreconciliáveis e inimigos jurados do antissemitismo. Na URSS, o antissemitismo é punível com a maior severidade da lei, sendo um fenômeno profundamente hostil ao sistema soviético. Segundo a lei da URSS, os antissemitas ativos estão sujeitos à pena de morte.⁶

O antissemitismo sempre foi uma chaga presente na Europa por séculos, mas o advento do modo de produção capitalista e o seu desenvolvimento deram força e capacidade industrial para a propagação do ódio ao judeu. Desde meados do século 20, nos congressos da Internacional Comunista⁷, a União Soviética e os partidos socialistas das nações capitalistas tinham noção de que uma segunda guerra inter-imperialista (uma segunda guerra mundial) estava por vir, e que era apenas uma questão de tempo até que um novo movimento político e ideológico se formasse para caminhar em direção da formação deste novo conflito.

A tese defendida e difundida por Georgy Dimitrov, no sétimo congresso da Internacional Comunista, em 2 de agosto de 1935, é a de que o fascismo, fenômeno político e ideológico predominante na Europa após a crise do capital em 1929, pode ser definido, em suas palavras, como:

A ditadura terrorista descarada dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas e mais imperialistas do capital financeiro. O fascismo é o poder do próprio capital financeiro, é a organização do ajuste de contas terrorista com a classe operária e a parte revolucionária dos camponeses e dos intelectuais, o fascismo em

⁶ (PRAVDA, 1936, n° 329)

⁷ Foi uma organização internacional, formada em 1919 pelo PCUS, cujo fundador é Vladimir Lênin. Reunia partidos comunistas do mundo inteiro e tinha o objetivo de organizar as pautas e objetivos para a revolução mundial do proletariado.

política exterior é o chauvinismo em sua forma mais brutal que cultiva um ódio bestial contra os demais povos.⁸

Os partidos comunistas tinham noção de que o fascismo era um fenômeno de massas que acontecia nos momentos de crise do modo de produção capitalista, para evitar que as massas se rebelassem com a destruição de suas condições de vida e pudessem, através de medidas draconianas, recompor a estrutura do capital. Georgy Dimitrov, em outro trecho, explica o que acontecia na Alemanha antes da segunda guerra:

O fascismo Hitleriano não é apenas um nacionalismo burguês, é um chauvinismo bestial. É o sistema de governo do banditismo político, um sistema de provocações e torturas contra a classe operária e os elementos revolucionários da classe camponesa, da pequena burguesia e dos intelectuais, é a crueldade e a barbárie medievais, a agressividade desenfreada contra os demais povos e os países.⁹

Em pouco tempo, o nazi-fascismo tomaria conta de toda a Europa e se voltaria em direção à União Soviética, pois representava um perigo para o sistema capitalista, que em tempos de crise, fomenta a criação de ideologias fascistas e totalitárias em seus países. Hitler, em sua proposta de dominação política, utilizou da propaganda antissemita e anti-bolchevique para ascender ao poder, colocando judeus e comunistas como bodes expiatórios para a crise econômica e a miséria da população alemã, causadas pelo próprio modo de produção capitalista.

Em seu livro *Mein kampf*, de 1925, Hitler associa judeus e comunistas como um perigo para a sociedade e como culpados pelos problemas econômicos, políticos e sociais enfrentados pelos países ocidentais. É a partir daí que a construção da ideia do judaico-bolchevismo¹⁰ começa. Em um dos trechos do livro, diz que:

É tão impossível à Rússia livrar-se do jugo judaico (...), como ao judeu manter o controle sobre o vasto império ainda por muito

⁸ DIMITROV, Georgy. A unidade operária contra o fascismo. Ed. Recife, PE: centro cultural Manoel Lisboa, 2019

⁹ DIMITROV, Georgy. A unidade operária contra o fascismo. Ed. Recife, PE: centro cultural Manoel Lisboa, 2019

¹⁰ De acordo com mitos medievais, os judeus eram aliados de Satã em uma gigantesca conspiração contra o cristianismo. A partir do final do século XVIII, o mito adquiriu uma forma mais secular e se tornou componente da propaganda antiliberal e antirrevolucionária. De acordo com o novo mito, os judeus tinham aspirações de dominar o mundo com a ajuda do liberalismo e da democracia, minando, durante o processo, a monarquia e a Igreja. Com a eclosão da Revolução Russa em 1917, tais fantasias antissemitas ganharam ainda mais espaço: a propaganda antirrevolucionária explicava que a toma do poder pelos bolcheviques estava associada à existência de um judaísmo internacional que constituía a autêntica força por trás da revolução. O "bolchevismo judeu" se tornou rapidamente um slogan que tipificava o comunismo como uma ferramenta judaica.

tempo. Ele não é um elemento organizador, mas antes um fermento de decomposição. O imenso império está prestes a ruir. O fim do domínio judaico será também o fim da Rússia como Estado. (...) uma catástrofe que será a mais formidável confirmação da verdade da teoria racial”. “Devemos enxergar no bolchevismo russo e tentativa do judaísmo, no século XX, de apoderar-se do domínio do mundo”. O marxismo bolchevista teria como finalidade última “a destruição de todas as nacionalidades não judaicas”. Na Rússia soviética o “judeu com uma ferocidade verdadeiramente fanática, trucidou cerca de 39 milhões de pessoas, algumas por meio das torturas desumanas, outros pela fome, e tudo isso com o fito de assegurar a um lote de judeus literatos e bandidos da bolsa o domínio sobre um grande povo.

Assim, a consolidação do nazifascismo na Europa culminaria na Segunda Guerra Mundial e na consequente invasão da URSS em 22 de junho de 1941 pela Alemanha e seus aliados, colocando a vida de milhões de judeus que residiam na União Soviética em perigo e levando o país ao período mais sangrento de toda a sua história.

1.4 – A condição judaica na U.R.S.S. durante a segunda guerra (1941-1945)

Após a invasão da União Soviética pelo exército alemão (somados aos exércitos italiano, húngaro, romeno em menor proporção) em 22 de junho de 1941, a U.R.S.S. passa pelos momentos mais sombrios e sangrentos de sua história. Do início da grande guerra patriótica (como a segunda guerra mundial foi chamada pelos soviéticos no fronte oriental) até a aniquilação das forças do eixo pelo exército vermelho da União Soviética, o caos e o terror instaurou-se pelas regiões ocupadas pelos alemães.

Apesar dos esforços soviéticos em se preparar e antever a invasão das forças do eixo, preparando tropas, fortificando posições estratégicas e evacuando civis de cidades fronteiriças, nada poderia prepara-los para o que aguardava o exército vermelho. A operação Barbarossa, codinome dado à operação de invasão da União Soviética, foi a maior operação militar da história da humanidade, que contou com quase 4 milhões de soldados, mais de 3000 blindados, 7000 peças de artilharia e mais de 2700 aeronaves.

As forças soviéticas, ainda despreparadas, desorganizadas, em menor quantidade de equipamentos modernos, não teriam a capacidade de lidar com o que seria a maior ofensiva de toda a segunda guerra mundial. Apesar do grande contingente de tropas soviéticas, sendo 2,5 milhões de homens na linha de frente e mais 2,2 milhões na reserva, somente 30 por cento das tropas soviéticas possuíam armas automáticas, 20 por cento dos aviões e 9 por cento dos blindados eram modernos.¹¹

Cerca de 2,5 milhões de judeus soviéticos foram mortos pelas forças de ocupação nazistas durante a invasão da U.R.S.S., sendo um total de cerca de 10 por cento do número total de vítimas contabilizadas, mesmo a população judaica representar apenas 2,5 por cento da população do país. Entre 26 a 28 milhões de pessoas foram mortas apenas em território soviético (estimativas atuais apontam que esse número pode chegar a 40 milhões de pessoas, entre soldados e civis).

Os *Einsatzgruppen*, grupos operacionais denominados como os “esquadrões da morte”, eram unidades especiais das forças armadas alemãs que tinham a função de pacificar e manter o controle dos territórios ocupados pelo exército alemão na linha de frente. Foram essas tropas que, somadas a batalhões policiais e unidades da *Waffen SS*¹², iniciaram o massacre de judeus e opositores políticos por todo leste europeu, através de

¹¹ GILBERT, Martin. A segunda guerra mundial: Os 2,174 dias que mudaram o mundo; ed. São Paulo: LeYa, 2014.

¹² Era o braço militar da SS. Estavam envolvidas em quase todas as batalhas da segunda guerra e tinham grande envolvimento na comissão do holocausto.

fuzilamentos em massa, câmaras de gás adaptadas em furgões e deportações para campos de concentração.

Toda a matança, destruição e pilhagem das regiões dominadas faziam parte da proposta de construção do *lebensraum*, a teoria do “espaço vital”, que foi assimilada e ampliada pelas políticas raciais do regime nazista. Essa teoria tinha a concepção de que os recursos existentes nas regiões orientais estavam sendo desperdiçados por “raças inferiores”, como eslavos e judeus.

Em novembro de 1941, Stalin discursa no soviete de Moscou a respeito da invasão nazifascista ao país:

O regime de Hitler é uma cópia daquele regime reacionário que existia na Rússia sob o czarismo. É bem sabido que os hitleristas suprimem os direitos dos trabalhadores, os direitos dos intelectuais e os direitos das nações tão prontamente quanto o regime czarista os suprimiu, e que eles organizam pogroms judeus medievais tão prontamente quanto o regime czarista os organizou; *O partido hitlerista é um partido de inimigos das liberdades democráticas, um partido da reação medieval e dos pogroms.*¹³

O governo soviético já tinha conhecimento do caráter colonizador e genocida do regime Hitlerista, ficando mais evidente a cada relato que era transmitido por trás das linhas inimigas. Houveram chacinas, massacres e destruições completa de vilas, cidades e principalmente de locais onde haviam grandes concentrações da população judaica, onde a carnificina foi mais intensa.

Em 1942 foi criado o comitê antifascista judaico na U.R.S.S., cuja intenção era relatar todos os crimes de guerra praticados contra a comunidade judaica no território da União Soviética ocupada, além de viajar o mundo para angariar fundos para a luta antifascista contra os exércitos do eixo, buscando principalmente o apoio da comunidade judaica norte americana, a maior do mundo.

Após a guerra, os registros coletados pelo comitê tornaram-se em um relatório que foi chamado de “o livro negro”, descrevendo toda a barbárie praticada pelo regime nazista. Esses documentos foram, após o fim da guerra, utilizados no tribunal de Nuremberg, servindo como prova no julgamento da alta oficialidade nazista condenada pelo genocídio imposto ao povo judeu.

¹³ Marxists internet archive (2007); ed. Hutchinson & Co., Ltd., Londres, 1946

CAPÍTULO 2

JUDAÍSMO E ANTISSEMITISMO EM *VIDA E DESTINO*, DE VASSILI GROSSMAN

2.1- “nessa mesma manhã lembraram-me do que havia esquecido nos anos de poder soviético: que eu era judia”.

A citação que intitula este item são as primeiras palavras da carta do escritor Vassili Grossman, posta intencionalmente na história do livro como uma dedicatória a mãe. Para entendermos o motivo e o contexto da carta, precisamos adentrar de forma rápida no passado conturbado da juventude do escritor e de sua vida adulta.

Filho de Semyon Osipovich e Ekaterina Savelievna, seu nome de nascença é Iosif Solomonovich Grossman. Seus amigos e familiares o chamavam de Vasya, que décadas mais tarde, já como correspondente de guerra, passou a assinar seus relatórios como Vasily (em português: Vassili), tornando este o seu pseudônimo em suas obras literárias.

Vassili Grossman nasceu no dia 5 de dezembro de 1912, na cidade de Berdichev, na Ucrânia, no qual a família materna do escritor residia. A família de ambos os pais era de ascendência e tradição judaica, e a cidade onde o escritor nasce “é considerada a maior cidade judaica na Ucrânia. Antes da revolução, antisemitas e os centenas negras¹⁴ chamavam-na de ‘capital judaica’.” (Grossman, 1944, p. 12).

Em 1914, Grossman e sua mãe se mudam para Kiev, às vésperas do início da Primeira Guerra Mundial. Aos nove anos, o escritor já presenciava os horrores da guerra e a mudança abrupta na sociedade russa em decorrência da escassez de recursos, da destruição e do morticínio causados pelo conflito, além do recrudescimento das antigas perseguições e discriminações que minorias étnicas sofriam, principalmente nas comunidades judaicas.

Após o fim da Primeira Guerra, Grossman e sua mãe presenciam a queda do regime monárquico do Czarismo, que perdurou por séculos, causada pela revolução russa e orquestrada pelas forças revolucionárias. Décadas mais tarde, Grossman falaria a respeito desse momento em seu último romance, *Everything flows* (1970): “em fevereiro

¹⁴ Grupos antisemitas, reacionários e antirrevolucionários, formados por proprietários de terras, camponeses ricos, burocratas, policiais e clérigos. Surgiram após a revolução russa de 1905.

de 1917, o caminho da liberdade estava aberto para a Rússia. A Rússia escolheu Lenin” (Grossman, 1970, p.34)

Grossman é aceito no Instituto de Kiev para a Educação do Povo, em 1921, no qual começa a estudar engenharia química. Em 1923 ele é aceito no Departamento de Química Moscovita, no qual fazia parte do setor de matemática e física da Universidade de Moscou. Durante esse período passou por grandes dificuldades financeiras devido à inflação do custo de vida e da moradia na capital, fruto dos distúrbios políticos, econômicos e sociais dos últimos dez anos.

Nos anos de 1927/28 a União Soviética começa o seu processo de massiva industrialização, com os novos planos quinquenais, com um crescimento rápido da economia, da indústria e das cidades. As novas transformações propostas pelo ideário socialista animam Vassili Grossman, que se fascina com a nova rotina dos trabalhadores das cidades ao redor dos grandes centros urbanos.

A partir desses acontecimentos, Grossman passa a se interessar e a se engajar cada vez mais por literatura e política, já escrevendo algumas histórias e artigos que mandava primeiramente para o seu pai, que não o apoiava e o orientava a permanecer no meio acadêmico e concluir sua universidade.

Ainda no ano de 1928, Vassili Grossman consegue um emprego remunerado como jornalista, proporcionado pela sua prima mais velha, Nadya Almaz, que possuía contatos e influência dentro do partido comunista pelos seus anos de atuação na Primeira Guerra, na guerra civil ao lado dos bolcheviques e seu trabalho como secretária e conselheira para o PROFINTERN.¹⁵

Através dos contatos de Almaz no Pravda, maior jornal do partido comunista, Grossman se encarrega de compilar um relatório sobre desempenho industrial para a academia comunista. Por conta do seu ótimo desempenho, em março de 1928 sua prima o envia para cobrir o Congresso Moscovita da PROFINTERN. Lá, o autor se depara com as grandes elites políticas soviéticas e de organizações comunistas de diversos países, adentrando ainda mais no universo do jornalismo, da literatura e da política.

Mesmo com os pensamentos divididos entre o seu casamento e a sua nova vida de jornalista, Grossman se dedicava aos seus estudos continuamente, determinado a se graduar. Após seis anos na universidade, o autor estava próximo de terminar sua graduação, alugando um apartamento nos subúrbios de Moscou. Galya, sua recém esposa,

¹⁵ Internacional Sindical Vermelha – Organização que agrupava os sindicatos revolucionários dos diversos países e aceitava a política da Internacional Comunista.

estudava e trabalhava em Kiev, o que impossibilitava que vivessem juntos. Então, no início do casamento, por conta do trabalho e do estudo, tiveram que morar separados um do outro.

Grossman passou os últimos semestres da sua graduação extremamente focado em terminar seu curso com excelência, como mostra a sua biografia:

Grossman estudava dez horas por dia simplesmente para deixar seus exames para trás. Livros didáticos sobre química teórica o entediavam. Aulas sobre gases tóxicos eram enjoativas: o professor saboreava cada detalhe da inalação venenosa, enquanto Grossman achava que estudar venenos era “uma ocupação adequada para alguém perverso e desiludido com a vida”. Cansado de trabalhos escolares, ele estava determinado a concluir a universidade em tempo recorde. (Popoff; 2019, p. 27)

Em 1929, Grossman gradua-se em engenharia química, sendo instruído pela instituição a cumprir oito horas diárias de serviço prático em Moscou, passando horas em transportes lotados rotineiramente. Sua esposa inicia seu período de prática da graduação no mesmo período e cidade, o que possibilita que possam morar juntos por um curto período de tempo.

Nesse mesmo ano, Galya engravida e, em 23 de janeiro de 1930, dá à luz Katya, sua filha. No entanto, a vida em família não perduraria, porque como principal mantenedor financeiro, teria que trabalhar em minas de carvão na região do Donbass.

Em 1932, Grossman se vê cansado do trabalho nas pequenas cidades mineiras e anseia voltar para Moscou, para poder estar mais próximo dos centros literários e dos seus amigos. Utiliza do seu diagnóstico de tuberculose como motivo principal na sua carta de demissão da sua profissão em Donetsk e começa a procurar um emprego e um local para morar com Galya.

No entanto, em agosto do mesmo ano, Nadya, sua prima, informa Grossman de que sua esposa estava tendo um caso com um conhecido em comum, em Kiev. Após tentativas desesperadas de Gladya para reatar o relacionamento, Grossman toma a decisão definitiva de dar fim a união. Posteriormente, Nadya o ajuda a se tornar um escritor profissional, enviando alguns de seus textos para publicação e escrevendo cartas de recomendação para jornais, editoras e agências de publicação de livros e artigos.

A União Soviética lançava as bases do realismo socialista¹⁶, construindo a União dos Escritores Soviéticos, sendo a instituição de referência no que diz respeito à escrita e

¹⁶ Política estatal elaborada pelo Partido Comunista da União Soviética, em que a arte, a cultura e a literatura deveriam estar a serviço dos ideais revolucionários.

à literatura da sociedade soviética. Grossman teve dificuldades em se acostumar a essas novas ideias e imposições, pedindo ajuda a Maxim Gorky para adaptá-lo a essa moderna forma de produção literária.

Após Gorky ler o romance de Grossman intitulado *Gluckauf* (1934), o aconselha a reescrevê-lo e enviá-lo novamente para as editoras, fazendo alterações que se adequem ao ideal do realismo socialista. Assim, Gorky lança a carreira Grossman no mundo literário da união soviética como um escritor profissional e reconhecido entre os seus pares, tornando o seu primeiro romance um sucesso de vendas.

Grossman larga o trabalho na área de engenharia química e decide se dedicar exclusivamente à vida de escritor. Após o seu reconhecimento pelas obras já publicadas (*na cidade de Berdichev* e *Gluckauf*), novas ofertas em revistas, jornais, editoras, congressos e adaptações de suas publicações foram aparecendo, possibilitando ter renda o suficiente para viver de seu novo trabalho como escritor.

Entre 1936 e 1939, a vida de Grossman não foi feita de grandes eventos. Casou-se novamente, com Olga Mikhailovna Guber, morando em uma cidade próxima a Moscou. É nesse período em que começa a esboçar alguns de seus futuros romances, como *Stephan Kolchugin* (1940) e *Por uma causa justa* (1943).

Nessa época os expurgos¹⁷ na União Soviética estavam acontecendo, com encarceramentos e perseguições aparentemente arbitrários. O grau de vigilância do partido sobre a imprensa, publicações, revistas, jornais e livros era intenso. Era importante ser bem visto pela União dos Escritores Soviéticos para se manter acima de suspeitas. Em 1937, alguns dos amigos próximos de Grossman foram presos, causando-o medo de também ser acusado de atos ou crimes antirrevolucionários.

A partir de 1940, os tambores da guerra soavam cada vez mais fortes pela Europa, causando angústia e preocupação não só a Grossman, mas a toda a sociedade soviética. Nesse mesmo ano, passou a maior parte do tempo finalizando o seu último romance, *Stephan Kolchugin* (1940). O livro foi muito bem recebido pela imprensa literária e dezenas de milhares de cópias são vendidas, o que o levaria a disputar o prêmio Stalin de Literatura.

O ano de 1941 é envolto de incerteza, medo e apreensão na vida do escritor. A Alemanha já havia invadido metade da Europa continental e aliciado a outra parte,

¹⁷ Também chamado de “o grande expurgo”, foram julgamentos espetaculares que ocorreram entre 1936 e 1938 para eliminar a oposição política dentro do partido, também servindo como justificativa para prender e punir todos aqueles que se opunham ao regime.

angariando mais forças ao seu exército. As notícias trazidas de fora do país eram ruins, pois a expectativa era de que cedo ou tarde a União soviética fosse o próximo alvo das ambições de Hitler.

Nas palavras da biógrafa Alexandra Popoff, os últimos acontecimentos do ano de 1941 foram um divisor de águas na vida de Grossman e serviram como base para criação do livro e em especial do capítulo 18 da primeira parte do romance:

Grossman deve ter sabido que sua mãe estava vulnerável em Berdichev, uma cidade judaica não muito longe da fronteira ocidental da Ucrânia com a Romênia. Embora a imprensa soviética não tenha mais relatado as políticas antissemitas de Hitler, algumas informações apareceram antes de 1939. Por exemplo, em 1936, Molotov condenou as leis de Nuremberg e expressou simpatia pelo povo que deu à luz Karl Marx. A imprensa em língua iídiche, que era lida em Berdichev, relatou sobre os assédios aos judeus na Alemanha. Em 18 de novembro de 1938, o Pravda publicou um editorial denunciando a Kristallnacht. Naquele ano, após um comício em Moscou em resposta à Kristallnacht, o Pravda publicou uma declaração protestando contra “os atos desumanos de crueldade cometidos pelos fascistas contra a população judaica indefesa da Alemanha”. A mãe de Grossman sabia sobre o ódio de Hitler pelos judeus. Sem dúvida, Grossman também sabia disso e sentiu o perigo que ela enfrentava em Berdichev. Ele queria que sua mãe se juntasse à família em Moscou antes de sua visita habitual de verão à dacha¹⁸, mas Olga não quis saber disso. Como Lipkin lembra, Grossman acreditava que “sua mãe, que morreu no gueto de Berdichev, estaria viva se Olga Mikhailovna não tivesse se oposto a visitá-los em Moscou pouco antes da guerra”. O fracasso de Grossman em prevalecer e salvar sua mãe pesou muito sobre ele pelo resto de sua vida. Em *Vida e destino*, retratando Olga na esposa de Shtrum, Lyudmila, ele escreve: “Em seu coração, ele repreendeu Lyudmila por sua frieza em relação à sua mãe. Uma vez ele até disse: ‘Se você não tivesse se dado tão mal com minha mãe, ela estaria morando conosco quando estávamos em Moscou’.”. Em seu romance *por uma causa justa*, Grossman conta uma história um pouco diferente: “Shtrum esperava que sua mãe viesse para a dacha no início de julho, mas a guerra interferiu.” Após o ataque alemão em 22 de junho, a mãe deficiente de Grossman ficou presa em Berdichev. (Popoff, 2019, p.56-57)

Esse trecho exemplifica todo o contexto que permeia o capítulo 18 da primeira parte do livro, descrevendo a culpa do autor ao não conseguir salvar sua mãe da invasão nazista que rapidamente engoliu todo o território ocidental da União Soviética. Para Além disso, demonstra a raiva e indignação que sentia não apenas do regime nazista, mas também do regime soviético, que foi incapaz de protegê-los e salvaguardá-los do pior.

No capítulo 18, Anna Semiônova escreve uma carta de despedida ao filho, descrevendo as últimas semanas após a chegada do exército alemão à sua cidade. A carta

¹⁸ É o nome russo para fazenda, mansão e casa de campo.

demonstra alguns indícios de que a própria população soviética teria uma pré-disposição ao antissemitismo.

Um dos trechos da carta que defenderia esse ponto é a fala de uma das vizinhas de Anna, após as restrições impostas à população judaica pela administração alemã da cidade: “a mulher do zelador se postou embaixo da minha janela e dizia para os vizinhos: ‘graças a Deus é o fim dos judeus!’. De onde vinha aquilo? O filho dela era casado com uma judia, e a velha visitava o filho e me falava dos netos.” (Grossman; 1980, p.92)

No entanto, ao longo da carta, a própria Anna desmonta essa argumentação, mostrando que a população que apoia a perseguição dos judeus teme mais a própria vida e prefere cooperar com o invasor alemão do que solidarizar-se com a causa judaica. Apesar das discriminações, a população como um todo se mantinha coesa e firme aos princípios humanitários, demonstrando que a justificativa para os atos e falas antissemitas são relacionadas ao medo do inimigo estrangeiro do que um antissemitismo enraizado na sociedade russa:

Nessa mesma reunião, os judeus foram caluniados...mas, Vitienka, é claro que nem todos foram a essa reunião. Muitos se negaram. Você sabe que, na minha opinião, no tempo dos Tsares, o antissemitismo estava ligado aos patrioteiros da União do Arcanjo Miguel¹⁹. Mas agora eu vi que aqueles que gritam para que a Rússia seja libertada dos judeus se humilham perante os alemães, miseráveis como lacaios, prontos para vender a Rússia por trinta moedas de prata alemã. (Grossman; 1980, p. 93)

O primeiro parágrafo do capítulo 19 apenas confirma a hipótese de que a União Soviética não distinguia ou recriminava a etnia e religião de qualquer tipo. É interessante notarmos o fato de que o cidadão na U.R.S.S não tenha a necessidade de se preocupar ou se precaver por conta de sua etnia, ao ponto em que ser judeu não se torna um lembrete diário:

Jamais antes da guerra Chtrum havia pensado no fato de que ele era judeu, e de que sua mãe era judia. Jamais sua mãe tinha falado disso, nem na infância, nem nos anos de estudante, jamais, no tempo da universidade, em Moscou, algum estudante, professor ou diretor de seminário havia tocado no assunto. Jamais antes da guerra, no instituto, na academia de ciências, chegou ele a ouvir qualquer conversa a esse respeito. Jamais, nenhuma vez, ele teve vontade de falar disso com Nádia, de explicar-lhe que ela tinha mãe russa e pai judeu. (Grossman, 1980, p. 103)

¹⁹ Entidade conservadora ativa entre 1908 e 1917, era uma das organizações que abraçavam as ideias monarquistas, cristãs e antissemitas do movimento reacionário conhecido como os centúrias negras.

2.2 Vida X Destino: a construção da existência judaica na obra de Vassili Grossman

Gulags²⁰ siberianos, aeródromos soviéticos, campos de batalha, cidades no interior, hospitais de campanha, esconderijos no sótão, guetos às margens da cidade, valas coletivas, trens abarrotados, caminhões fechados, campos de concentração alemães, câmaras de gás, fornalhas e incineradoras. Essa é a experiência da comunidade judaica durante a segunda guerra na União soviética, refletida nas páginas escritas por Grossman.

No capítulo 43 da primeira parte da obra, Sófia levinton descrevia a trajetória de sua vida até a sua triste fatalidade:

Sófia Óssipovna Levinton pensava às vezes em sua vida anterior: os cinco anos de estudos na Universidade de Zurique, as férias de verão em Paris e na Itália, os concertos no conservatório e as expedições às regiões montanhosas da Ásia Central, o trabalho de médica, que a ocupara por 32 anos, os pratos prediletos, os amigos cujas vidas, com seus dias bons e ruins, se entrelaçavam com a sua, os telefonemas frequentes, as expressões coloquiais ‘salve... até...’, os jogos de cartas, as coisas que haviam ficado no apartamento de Moscou. Certa noite, no vagão de mercadorias trancado do trem, parado em uma via de resguardo do entroncamento ferroviário perto de Kiev, ela catava piolhos na gola da camisa militar enquanto duas senhoras perto dela falavam em iídiche, rápido e baixinho. Nesse momento ela se deu conta, com clareza inusitada, de que era exatamente com ela, com Sônietcha, Sonka, Sofia, Sófia Óssipovna Levinton, major do serviço médico, que tinha acontecido aquilo. A principal modificação nas pessoas consistia em que se enfraquecia o sentido de sua natureza particular, de sua individualidade, e se fortalecia, crescia o sentido do destino. (Grossman, 1980, p.208)

A maioria dos personagens apresentados como judeus em *Vida e destino* possuem nome e sobrenome, personalidade, profissão, um passado, sonhos e desejos. É assim que o autor tenta representar e relembrar as milhões de vítimas ceifadas pelo nazifascismo,

²⁰ Gulag era um sistema de campos de trabalhos forçados para criminosos, presos políticos e qualquer cidadão em geral que se opusesse ao regime na União Soviética.

no seu projeto de aniquilamento da identidade física, cultural e histórica daqueles considerados como Untermensch²¹.

A representação judaica no livro de Grossman perpassa tanto a luta pela sobrevivência daqueles que estão submetidos ao regime de terror nazista, quanto a busca de um significado para a própria vida em meio ao caos e a carnificina perpetrada pelo exército alemão. Ainda no capítulo 43 da primeira parte do livro, a judia Sófia Óssipovna Levinton reflete sobre essas questões: “Agora Sófia Óssipovna tinha a impressão de haver compreendido a diferença entre viver e sobreviver. A vida havia acabado, cessado, mas a existência se prolongava, continuava”. (Grossman, 1980, p. 211)

Grossman constrói a sua obra em um pilar dicotômico da vida e da morte. De um lado, a luta pela existência material e civilizacional do povo judeu; do outro lado, a constante tentativa de apagamento da memória cultural, étnica e religiosa das populações subjugadas pelo regime Hitlerista.

Desta forma, o título da obra *Vida e destino* é o eixo condutor de todas as narrativas escritas, em que todos os personagens buscam a continuação da sua própria história, da sua permanência no mundo e de sua liberdade, constantemente fugindo do caminho mais comum a todos naquele momento, que é a morte:

A aspiração do homem à liberdade é indestrutível e pode ser reprimida, mas não exterminada. O totalitarismo não pode renunciar à violência. Renunciando à violência, o totalitarismo perece. Eterna, ininterrupta, aberta ou mascarada, a violência desmedida é a base do totalitarismo. O homem não renuncia à liberdade de boa vontade, essa conclusão é a luz do nosso tempo, a luz do futuro. (Grossman, 1980, p. 228)

A divisão entre vida e destino é erigida na obra em duas grandes ideias que permeiam todo o livro. De um lado há a humanidade, representada por todos os povos que constituem a União Soviética e que lutam pela sua existência. Esse lado representa a essência, a permanência e a existência do ser humano, em sua busca pela sua própria continuidade física e moral.

Do outro lado, há a figura do regime nazista, caracterizada pela ideologia do fascismo, muitas vezes personificada na figura de seu representante máximo, Adolf Hitler. Durante toda construção de *Vida e destino*, as características desse regime totalitário são descritas por personagens ou pelo narrador:

²¹ Termo em alemão que significa “sub-homem”; foi utilizado pelo partido nazista para referir-se à raças consideradas não-arianas e minorias sociais, como eslavos, ciganos, LGBTs, negros, deficientes e principalmente judeus.

Havia chegado o momento da execução dos mais cruéis planos do nacional-socialismo, endereçados contra o ser humano, sua vida e liberdade. Os líderes do fascismo mentem quando afirmam que a intensidade da luta os forçou à crueldade. Pelo contrário, o perigo lhes dava clarividência, e a insegurança quanto à própria força os levava a se resguardar. O mundo vai se afogar em sangue no dia em que o fascismo estiver inteiramente seguro de seu triunfo definitivo. Se o fascismo ficar sem inimigos armados na terra, os carrascos, assassinos de crianças, mulheres e velhos, não vão conhecer limites. Pois o maior inimigo do fascismo é o ser humano. (Grossman, 1980, p. 207-208)

No primeiro capítulo da obra, um prisioneiro comunista, membro do partido soviético, Mikhail Sídorovitch Mostovskói, descreve as características do partido nacional-socialista²², enquanto é feito prisioneiro em um dos campos de concentração alemães:

O nacional-socialismo havia criado um novo tipo de preso político: criminosos que não tinham cometido um crime. Muitos prisioneiros estavam ali por terem feito, em conversas com amigos, observações críticas sobre o regime hitlerista, ou anedotas de teor político. Eles não tinham difundido panfletos, nem participado de partidos políticos clandestinos. Eram culpados não pelo que haviam feito, mas pelo que poderiam fazer. (Grossman, 1980, p.27)

É dentro desse contexto entre a vida e a morte, o bem e o mal, a lembrança e o esquecimento que a obra é erigida. A existência judaica em *Vida e destino* não é construída, mas constantemente destruída, desmantelada, perseguida. Assim, toda a potência dos personagens do livro se dá na constante luta para resistir a essa hecatombe, causada pela sua força opositora (o nazismo, o fascismo, o destino).

²² Em alemão: Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei (NSADP), ou partido nacional-socialista dos trabalhadores alemães, mais conhecido como partido nazista.

2.3- O antissemitismo na União Soviética na perspectiva de *Vida e destino*, de Vassili Grossman

Durante toda a obra, Grossman constrói sua crítica aos estados totalitários, fazendo uma alusão direta à ideia de que o regime nazista e soviético são similares no seu aspecto autoritário e repressor. O capítulo 50 da primeira parte do livro é uma crítica ao autoritarismo, em que vemos nos trechos:

O que isso revela? Um novo traço surgido repentinamente na natureza humana? Não: essa submissão fala de uma força nova e assustadora influenciando as pessoas. A força desmedida dos sistemas sociais totalitários foi capaz de paralisar os espíritos humanos em continentes inteiros. (Grossman, 1980, p.226)

No entanto, as diversas narrativas apresentadas ao longo de *Vida e destino* mostram que o antissemitismo é um princípio sempre pertencente à ideologia fascista da Alemanha nazista, diferentemente da ideologia comunista do estado soviético:

A força do Estado autoritário é tão grande que deixou de ser um meio, convertendo-se em um objeto de admiração e de êxtase místico, religioso. De que outra forma é possível explicar o raciocínio de alguns intelectuais judeus, segundo os quais o assassinato dos judeus era indispensável à felicidade humana, e que eles, reconhecendo isso, estavam prontos para conduzir aos locais de execução seus próprios filhos? Em prol da felicidade da pátria estavam prontos ao sacrifício de Abraão? (Grossman, 1980, p.226)

Duas linhas narrativas evidenciam essa distinção ideológica entre os dois regimes em guerra. O primeiro, no início do livro, demonstra as barbaridades cometidas pelo exército alemão, construindo campos de concentração para onde grupos étnicos considerados inferiores (os judeus, principalmente) eram levados para os trabalhos forçados e, em seguida, o seu extermínio.

Além disso, havia a segregação da população judaica em guetos nas regiões da União Soviética ocupadas pelas forças alemãs:

Logo anunciaram o confinamento dos judeus; decidiram que cada um podia carregar quinze quilos de pertences. Nas paredes das casas foram pregados anúncios amarelados: ‘todos os judeus devem se apresentar para o confinamento na região da Cidade Velha no mais tardar às seis da tarde de 15 de julho de 1941.’ Quem não fosse, seria fuzilado. (Grossman, 1980, p. 93)

Apesar das críticas do autor ao autoritarismo e à repressão do regime soviético, as narrativas descritas no livro não nos levam à conceber a ideia de que o aparato estatal bolchevique e nem as manifestações ideológicas do socialismo façam qualquer distinção étnica dos povos que habitam a U.R.S.S., muito menos qualquer tipo de punição direcionada a comunidade judaica.

A primeira página do capítulo 50 da primeira parte do livro nos dá esses indicativos, quando diz:

Exatamente nessa atmosfera de repugnância e ódio foi preparado e levado a cabo o extermínio dos judeus ucranianos e bielorrussos. Em outro tempo, nessa, nessa mesma terra, mobilizando e insuflando o furor das massas, Stálin fizera campanha pelo extermínio dos cúlaques e dos degenerados agentes diversionistas trotskistas-bukharinistas. (Grossman, 1980, p.224)

Nesse trecho do livro descrito acima, mostra a diferença entre os dois regimes que Grossman trata como autoritários. No primeiro período da citação, ele demonstra os atos do regime fascista; já no segundo, comenta sobre as práticas ditatoriais do regime soviético, personificados na figura de Stálin. A diferença entre os dois regimes descritas pelo autor é que a opressão nazista possuía um caráter de raça, eugenista, diferentemente da repressão soviética, que tinha um caráter de classe, político.

O que se demonstra bastante presente na obra é a perseguição de caráter político do estado russo, em que o clima de suspeita e incerteza paira sobre os trechos do livro que retratam o cotidiano das lideranças políticas do “baixo-clero” da burocracia estatal. Um exemplo marcante por todo o enredo são as linhas de frente dos campos de batalha, em que soldados, comissários políticos e comandantes se distinguem não pela sua origem étnica/racial, mas pelas suas provas de convicção pela causa do socialismo nos seus atos e nas suas falas, julgando aqueles que não se adequavam à conduta ideológica do partido:

Em um trecho do livro, o conferencista Krímov vai à frente de combate de Stalingrado para resolver divergências políticas existentes entre membros das forças armadas e do partido, no qual julga seus companheiros não pelas suas características físicas, étnicas ou religiosas, mas sim pelas convicções ideológicas:

Krímov normalmente estabelecia relações boas com os oficiais de combate, aceitáveis com os membros do estado-maior, mas irritantes e nem sempre sinceras com seus colegas de trabalho político. E agora era justamente o comissário da divisão que o irritava: mal tinha chegado ao front e dava uma de veterano, e no partido, com certeza, devia ter

entrado pouco antes da guerra, e já dava ares de que Engels não lhe servia. (Grossman, 1980, p. 93)

Ainda no contexto soviético, duas figuras judaicas estão presentes em situações opostas na trama. De um lado há Borik Koról, um aviador judeu que está se preparando para sair da reserva militar e voltar para as regiões de combate aéreo. Do outro lado, há Abracha Iéfimovitch Rubin, um preso político judeu que está cumprindo sua sentença em algum Gulag na Sibéria.

No capítulo 37 da primeira parte do livro, o piloto de origem judaica Borik Koról é alvo de piadas de seus colegas a respeito de sua ascendência judaica, o que o irrita momentaneamente, fazendo-o disparar xingamentos contra eles; por conta disso, Borik é repreendido por seu superior, na alegação de descumprimento com a conduta política a que seu cargo militar requer:

-Eis a questão, camaradas - disse Berman, e, depois de se calar por algum tempo, para aumentar o efeito de suas palavras, concluiu: a responsabilidade por essa vergonha recai imediatamente sobre o culpado, mas ela também recai sobre mim, comissário do esquadrão, que não soube ajudar o piloto Koról a superar o seu nacionalismo atrasado e abominável, a questão é mais séria do que me pareceu no início, e por isso não vou punir Koról agora por infração disciplinar. Mas assumo a tarefa de reeducar o subtenente Koról (Grossman, 1980, p.180-181)

Já no capítulo 40, o prisioneiro político Abracha Rubim trabalha como médico no Gulag e foi condenado por ser considerado uma divergência política. Neste trecho do livro ele é ofendido verbalmente por um prisioneiro que requeria um atestado médico e não lhe foi concedido: “Veja, judeu – disse Kolka, que parecia um gato feroz, ligeiro e de olhos claros. – Veja, seu pulha, minha paciência está acabando.” (Grossman, 1980, p.194)

Em ambas as narrativas, os personagens são ofendidos por serem judeus, mas a questão judaica não se torna o objeto central da questão, pois apesar das falas de cunho antisemitas, nenhum dos dois é considerado culpado por conta da sua etnia, como no caso dos judeus capturados pelo regime nazista. A rebeldia do aviador e o crime do prisioneiro não são atrelados ao fato de serem judeus, mas a uma questão ideológica e política, em que ambos são julgados pelos seus valores e não pela sua origem.

2.4- O socialismo soviético e antissemitismo na obra de Grossman: correlação e causalidade?

A partir de todas as narrativas descritas na obra *Vida e Destino* apresentadas no conjunto deste trabalho, é possível afirmar com alto grau de segurança que não é plausível estabelecer uma relação sólida de práticas antissemitas criadas ou incentivadas pelo governo soviético ou pela ideologia socialista ao longo do livro. Todas os dados narrativos coletados na análise do nosso objeto de estudo nos levam na contramão dessa ideia.

Por todos os escritos analisados anteriormente no nosso trabalho, encontramos a presença de personagens representados como judeus, que estão postos nas mais diversas situações e lugares, como soldados no front de batalha, aviadores na reserva militar, presos políticos em gulags distantes, escravos em campos de concentração alemães, cativos em guetos e Etc.

O que se evidencia durante a leitura da obra é a desumanização da figura judaica por parte de um antagonista estrangeiro, exterior, representado na figura do nazista invasor. O regime soviético, que por muitas vezes é criticado e comparado ao regime alemão, é retratado como a figura que salvaguarda a existência dos povos ameaçados pela ideologia nazifascista, incluindo os povos judaicos que habitam a União Soviética.

Todas as histórias descritas no livro em que judeus são perseguidos, humilhados, despojados de seus bens, trancafiados, forçados a trabalhar intermitentemente, serem mortos a sangue frio, mostram ser os nazistas como algozes desses crimes. Ao mesmo tempo que, muito dos momentos de bravura, de enfrentamento, de coragem, de resistência, são quase sempre acompanhadas pelo patriotismo e o nacionalismo promovidos pela ideologia socialista da União soviética.

Um fato bastante presente ao longo de todas as histórias do livro são falas e atitudes antissemitas por parte da própria população soviética em relação a população judaica, principalmente nas regiões da U.R.S.S. em que foram ocupadas pelas forças militares nazistas:

Muita gente me surpreendeu. E não foram só os ignorantes, exaltados, analfabetos. Por exemplo: um velho pedagogo, aposentado, de 75 anos; ele sempre me perguntava de você, pedia para mandar saudações, e falava a seu respeito assim: 'Ele é o nosso orgulho'. Nesses dias malditos, quando me encontrava, ele não cumprimentava e dava as

costas. E depois me disseram que, em uma reunião na sede do comando da guarnição, ele disse: ‘O ar está mais limpo, não cheira mais a alho.’ Por que ele faz isso? Essas palavras o emporcalham. Nessa mesma reunião, os judeus foram tão caluniados... (Grossman, 1980, p.92-93)

Há algumas possíveis respostas para esses incidentes que expliquem essa atitude negativa em relação aos judeus. Como descrito no primeiro capítulo desse trabalho, a perseguição, proibição e restrição da população e da religião judaica eram comuns e normalizadas durante séculos antes da existência da União soviética, sendo incentivadas pelas figuras do poder político e religioso que antecederam os comunistas.

Por conta disso, os costumes antisemitas perduraram no seio da sociedade após o processo revolucionário, implicando em casos isolados de discriminação contra o povo judeu por membros do partido, do exército e do próprio corpo social. Levando em consideração que a tomada do poder político do antigo império Czarista e da criação da união das repúblicas socialistas soviéticas (1917 e 1922, respectivamente) pelas forças revolucionárias é relativamente recente.

Sendo assim, a continuidade de preconceitos e estereótipos em direção a comunidade judaica explicam-se pela impossibilidade de haver qualquer mudança estrutural e profunda feita pela recém criada União soviética; em tão pouco tempo, é impossível que o partido comunista, frágil e atolado em questões mais urgentes, fosse capaz de subverter os séculos de opressões impostas aos povos judaicos da região.

Se estas mesmas políticas de intolerância, repressão e exclusão implementadas pelos regimes políticos anteriores tivessem sido continuadas pelo governo bolchevique, o antisemitismo seria um fato habitual, recorrente no contexto sociocultural das narrativas do livro. No entanto, o que encontramos é uma miríade de personagens diversos, ocupando as mais variadas posições na sociedade soviética, em que a etnia dos indivíduos é um fato pouco importante fora do contexto da guerra.

O último ponto relevante a ser analisado é o perceptível aumento do antisemitismo pela população local contra cidadãos judaico-soviéticos nas regiões da U.R.S.S ocupadas pelo exército alemão a partir de 1941, demonstrado nos relatos expressos nas múltiplas histórias da obra:

A experiência mostra que a maior parte da população, nessas campanhas (de extermínio), acata obedientemente, como hipnotizada, todas as ordens das autoridades. Na massa da população existe uma minoria que cria a atmosfera da campanha: sanguinários que se alegram

e regozijam com a desgraça alheia, idiotas ideológicos ou interessados em ajustes de contas pessoais, no saque de bens dos apartamentos, nas aberturas de vagas. (Grossman, 1980, p.225)

Não obstante a própria *Wermacht*²³, amparada nos ideais supremacistas e eugenistas do partido nazi, adotasse uma política de aniquilação da existência e memória judaica por conta própria. As forças do *Heer*²⁴ angariaram colaboradores e colocaram parte significativa do povo soviético contra o povo judeu que habitava os mesmos territórios que o restante da sociedade:

E não foram dezenas de milhares e nem dezenas de milhões de pessoas, mas uma massa ainda mais gigantesca a testemunhar de maneira submissa o extermínio de inocentes. E não foram apenas testemunhas submissas; quando ordenadas, elas se pronunciaram a favor do extermínio, e com voz surda exprimiram aprovação dos assassinatos em massa. Uma submissão tão imensa era algo inesperado. (Grossman, 1980, p.225)

A resposta mais plausível para explicar esse fenômeno é o regime de pânico e terror estabelecido pelo invasor alemão, que impunha a sua ideologia e suas práticas nos territórios conquistados, influenciando e fazendo emergir o antissemitismo ainda enraizado na comunidade. O povo, vítima dessa condição, rendia-se aos ditames do conquistador, tornando-se testemunha e autor da submissão ao povo judeu:

O que isso revela? Um novo traço surgido repentinamente na natureza humana? Não: essa submissão fala de uma força nova e assustadora influenciando as pessoas. A força desmedida dos sistemas sociais totalitários foi capaz de paralisar os espíritos humanos em continentes inteiros. A alma humana a serviço do fascismo declara o martírio funesto e contínuo da escravidão como o único e verdadeiro bem. Sem renunciar aos sentimentos humanos, a alma traidora declara os autênticos crimes do fascismo como a forma mais alta da humanidade, concordando em dividir as pessoas em puras, que merecem a vida, e impuras, indignas de viver. O desejo da autopreservação se exprime em conformidade com o instinto e a consciência (Grossman, 1980, p.226)

²³ Nome em alemão dado para as forças armadas da Alemanha nazista.

²⁴ Nome alemão para o braço terrestre das forças armadas alemães; o exército alemão.

CONCLUSÃO DO TRABALHO

O primeiro objetivo principal desse trabalho foi o de defender a ideia de que o antissemitismo na união soviética não foi causado por políticas estatais do governo soviético, mas sim por um conjunto de diversas questões históricas, sociais e ideológicas que em nada tinham a ver com a administração do poder bolchevique nos territórios da U.R.S.S.

Foi apresentado ao leitor deste trabalho, no primeiro capítulo, todo o processo histórico de consolidação não apenas da população judaica nas regiões que futuramente iriam se tornar a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, mas a construção e destruição de todos os reinos e poderes que naquele território exerceram sua influência. Assim, é possível que entendamos de onde determinados preconceitos, práticas e ideologias foram moldadas e influenciadas.

Com o fechamento do primeiro módulo dessa composição, o leitor será capaz de entender as raízes culturais e históricas do antissemitismo nas regiões da Europa oriental, assim como compreender o processo de queda do império Russo, da ascensão dos movimentos políticos antagônicos até a tomada do poder pelas forças revolucionárias.

Para além disso, será mostrado a participação dos grupos políticos e sociais judaicos em todas as etapas desse processo, estendendo-se para o período pós revolucionário, da consolidação e estabilização do regime, da guerra civil russa e posteriormente da grande guerra patriótica (a segunda guerra mundial). Durante a apresentação desses acontecimentos, ficará claro para os leitores a presença e importância da população judaica nos processos históricos da união soviética.

O seguinte capítulo visa explicar o segundo objetivo principal desse trabalho, que busca utilizar a literatura para novamente defender a ideia de que o antissemitismo na U.R.S.S não é um produto político do momento, mas uma construção social e histórica. Utilizando a principal obra do autor judeu-soviético Vassili Grossman, *Vida e Destino*, iremos analisar e desmistificar os acontecimentos de cunho antissemita durante o livro.

Durante esse processo, acabaremos por destrinchar as narrativas e desfazer as más interpretações advindas da crítica literária, que atribuem a opressão judaica não apenas aos invasores alemães e a ideologia nazifascista, mas também ao regime soviético e a ideologia comunista do governo bolchevique. Esta acaba por se tornar uma tentativa de igualá-los como representantes de uma mesma forma de repressão e autoritarismo, apagando todo legado de mudanças sociais, políticas e econômicas da U.R.S.S.

REFERÊNCIAS

Bolchevismo e antissemitismo (1917-1953). Portal Grabois. Disponível

em: <https://grabois.org.br/2019/12/03/bolchevismo-e-antissemitismo-1917-1953/>

COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO

SOVIÉTICA. *História do partido comunista (bolchevique) da URSS.* Ed. Recife, PE: Centro Cultural Manoel Lisboa, 2021.

DIMITROV, Georgy. *A unidade operária contra o fascismo.* Ed. Recife, PE: Centro Cultural Manoel Lisboa, 2019.

GILBERT, Martin. *A segunda guerra mundial: Os 2,174 dias que mudaram o mundo.* Ed. São Paulo: LeYa, 2014.

GROSSMAN, Vasily. *Forever Flowing.* Tradução de Thomas P. Whitney. New York: Harper & Row, 1972.

GROSSMAN, Vasily Semenovich. *Um escritor na guerra: Vasily Grossman com o exército vermelho, 1941-1945.* Editado e traduzido do russo para o inglês por Antony Beevor e Luba Vinogradova; tradução Bruno Casotti. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

HITLER, Adolf. *Mein Kampf (Minha Luta).* 2 partes, s/editora, s/data. Disponível em: <https://grabois.org.br/2019/12/03/bolchevismo-e-antissemitismo-1917-1953/>

Lenin's Collected Works. 4ª edição em inglês. Progress Publishers, Moscou, 1972. Volume 29, páginas 252-253.

Marxists Internet Archive. 2007; ed. Hutchinson & Co., Ltd., Londres, 1946.

MCGEEVER, Brendan. *Antisemitism and the Russian Revolution.* Ed. USA: Cambridge University Press, 2019.

MENDES, Philip. *The Rise and Fall of the Jewish Labour Bund: Nazism and Stalinism Delivered the Blows; Ideology Did the Rest.* Ed. America: Jewish Currents, 2013.

Novosti Press Agency Publishing House. *Soviet Jews: Facts and Fiction*. Ed. Moscow: Novosti, 1970.

Nota de rodapé 7. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2024/01/22/a-terceira-internacional-comunista/>

Nota de rodapé 10. Disponível em: https://www.hlsenteret.no/utstillinger/qr/portugese_07.html#:~:text=O%20%22bolchevismo%20judeu%22%20se%20tornou,pela%20primeira%20vez%20na%20R%C3%BAssia.

Nota de rodapé 14. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Black-Hundreds>

Os bolcheviques e o antissemitismo – Especial Revolução Russa. Blog da Boitempo. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2017/07/17/os-bolcheviques-e-o-antissemitismo-especial-revolucao-russa/>

POPOFF, Alexandra. *Vasily Grossman and the Soviet Century*. New Haven: Yale University Press, 2019.

SPASOV, G. *Freedom of Religion in the U.S.S.R.* Ed. London: Soviet News, 1951.

United States Holocaust Memorial Museum. Disponível em: <https://www.ushmm.org/pt-BR>

VI Lenin Internet Archive. (www.marx.org) 2002; trad. David Walters & Robert Cymbala.